

“O LOBO EM PELE DE CORDEIRO E O LOBO EM PELE DE LOBO”: o estilo de gestão de Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama

“THE WOLF IN SHEEP’S CLOTHING AND THE WOLF IN WOLF’S CLOTHING”: the Management Style of Antônio Soares Calçada and Eurico Miranda at Club de Regatas Vasco da Gama

Leticia C. Marcolan¹

Resumo: O objetivo deste artigo é comparar os estilos de gestão de Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda à frente do Club de Regatas Vasco da Gama. A pesquisa baseia-se na análise de fontes periódicas, como os jornais *O Globo*, *Jornal dos Sports* e a revista *Placar*, além de entrevistas de história oral. Os resultados indicam que o reforço da imagem de Eurico como líder combativo, em contraposição a figura conciliadora de Calçada, facilitou sua ascensão política. Isso porque, em termos teórico-metodológicos, sugere-se que existe uma ligação entre a identidade clubística e a atuação dos dirigentes esportivos. No caso do Vasco, a identidade de resistência predomina, justificando a ênfase de Eurico em seu lado confrontador.

Palavras-chave: Club de Regatas Vasco da Gama; Dirigentes esportivos; Identidade clubística.

Abstract: This article aims to compare the management styles of Antônio Soares Calçada and Eurico Miranda at Club de Regatas Vasco da Gama. The analysis draws from periodical sources such as *O Globo*, *Jornal dos Sports*, and *Placar*, alongside oral history interviews with key figures. Our findings suggest that Eurico’s portrayal as a combative leader, in contrast to Calçada’s conciliatory approach, played a significant role in his political ascension. Theoretical and methodological considerations propose a connection between club identity and the performance of sports leaders. In the case of Vasco, the prevailing identity of resistance justifies Eurico's emphasis on his confrontational side.

Keywords: Club de Regatas Vasco da Gama; Football managers; Club identity.

Introdução

O dia 7 de abril de 2024 foi movimentado no Rio de Janeiro. No Maracanã, o Clube de Regatas do Flamengo comemorou a conquista do 38º título de Campeão Carioca. Entretanto, outro evento também chamou atenção no circuito futebolístico da cidade: o Club de Regatas Vasco da Gama comemorou os 100 anos da “Resposta Histórica”¹. As comemorações acerca desse evento vascaíno assumiram um tom de consenso, reafirmando a narrativa de que o Vasco é o clube da resistência. Pelo menos, essa é a autorrepresentação acerca da identidade vascaína que vem ganhando força nos discursos institucionais, jornalísticos e até mesmo acadêmicos.

A construção dessa imagem fundamenta-se na ideia de que, ao longo de sua

¹ Doutoranda e mestre em História, Política e Bens Culturais pela FGV CPDOC, historiadora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Técnica Florestal pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0116605065726836>. E-mail: lcmarcolan@gmail.com

história, o Vasco lutou contra os “poderosos”. Essa percepção se materializa em quatro grandes oposições que o clube estabelece em relação a seus rivais cariocas. A saber, a primeira, de caráter geográfico, entre o centro/Zona Norte e a Zona Sul; a segunda, de cunho social, entre elite e povo, que, por sua vez, traz implicitamente uma divisão racial, entre brancos e negros; e, por fim, uma oposição de cunho étnico, entre brasileiros e portugueses (Marcolan, 2024).

O que estou afirmando não é novidade, pois há muito se discute sobre as relações entre identidades clubísticas e as identidades sociais. Já sabemos que, no âmbito das representações, seleções nacionais e clubes de futebol mobilizam categorias sociais, como classe, raça, etnia e recorte geográfico (Damo, 2014). No entanto, para que esses atributos transcendam o plano das representações e adquiram alguma materialidade, é necessário que se ancorem na realidade. E uma das formas de concretizar essa tarefa é quando os indivíduos de carne e osso conseguem representar suas instituições.

Em outras palavras, o clube, como uma instituição abstrata, ganha forma por meio de seus ídolos, indivíduos que, ao longo dos anos, construíram as grandezas da agremiação. Esses personagens podem ser jogadores, técnicos, líderes de torcida e dirigentes, ou seja, figuras que representam a comunidade além dos seus muros. Para tanto, a ação desses indivíduos deve estar alinhada com as expectativas da comunidade à qual respondem (Moreira, 2010, p. 9). Isso significa que o dirigente deve ser capaz de materializar o estilo de direção (Bromberger, 2019; Godio, 2010; Burlamaqui, 2013) de sua agremiação.

A título de exemplo, apenas no caso do Rio de Janeiro, poderíamos mencionar Carlito Rocha no Botafogo, Gilberto Cardoso no Flamengo e Arnaldo Guinle no Fluminense. Esses líderes, por suas atuações marcantes, passaram a se confundir com a própria instituição clubística, tornando-se modelos para futuros dirigentes. No caso do Vasco, um dos dirigentes que logrou sucesso nessa empreitada foi Eurico Miranda, que, a seu modo, tornou-se um dos representantes da identidade da resistência vascaína.

Esse processo levou Eurico Miranda a adotar comportamentos específicos em determinados eventos e, além disso, a se contrapor à figura de Antônio Soares Calçada, presidente legítimo do Vasco da Gama entre 1986ⁱⁱ e 2001, período em que Eurico atuava como vice-presidente de futebol do clube. A primeira estratégia foi discutida no terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado (Marcolan, 2024), enquanto a segunda será analisada neste artigo.

Portanto, o objetivo deste texto é discutir os estilos de gestão de Antônio Soares Calçada e Eurico Ângelo de Oliveira Miranda. Os resultados indicam que o reforço da imagem de Eurico como líder combativo, em contraposição a figura conciliadora de

Calçada, facilitou sua ascensão política. Para isso, na primeira parte do texto, apresento as informações biográficas de ambos os dirigentes e a forma como são mobilizadas em seus estilos de gestão. As diferenças de atuação entre Eurico e Calçada, por sua vez, serão exploradas na segunda seção.

Biografias de dirigentes: um tom de predestinação

“[...] que por aquelas bandas transitam dois tipos de lobo: um com pele de cordeiro e outro com pele de lobo.”

O Globo, 6 de novembro de 1994, p. 63

A escrita sobre as trajetórias de vida de dirigentes esportivos frequentemente cai no “pecado” bourdieusiano da ilusão biográfica (Bourdieu, 2006). Não é difícil encontrar descrições teleológicas e até mesmo um tom de predestinação na vida desses personagens, e a história de Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda não foge a essa regra. Dessa forma, as pesquisas sobre dirigentes esportivos ganham importância. Tratados ora como benfeitores por seus defensores, ora como o mal do futebol nacional por seus detratores, o empenho acadêmico em relação ao tema pode ajudar a estabelecer uma nova perspectiva sobre esse grupo.

Ao analisar a produção sobre os protagonistas deste artigo, nota-se que as informações sobre Eurico são muito mais abundantes do que aquelas disponíveis sobre Calçada. Sobre Eurico, existem uma biografia, *Eurico Miranda: Todos contra ele* (2012), e dois documentários: o primeiro, de 2009, intitulado *A Locomotiva: Eurico Miranda*, e o segundo, de 2024, chamado *A Mão do Eurico*. Além disso, o dirigente é mencionado em três capítulos de livros escritos pelos jornalistas Alex Bellos (2003), Franklin Foer (2005) e Rodrigo Capelo (2021). Em contrapartida, as informações sobre Calçada estão mais dispersas, e foram coletadas em periódicos como *Jornal dos Sports* e *O Globo*, além de livros memorialísticos do clube, especialmente o *Livro do Centenário do Vasco* (1998), e em entrevistas de história oral realizadas pela autoraⁱⁱⁱ. Vamos examinar como essas informações são mobilizadas.

Em 6 de novembro de 1994, o jornal *O Globo* publicou um resumo da imagem que se cristalizou sobre a personalidade de Antônio Soares Calçada:

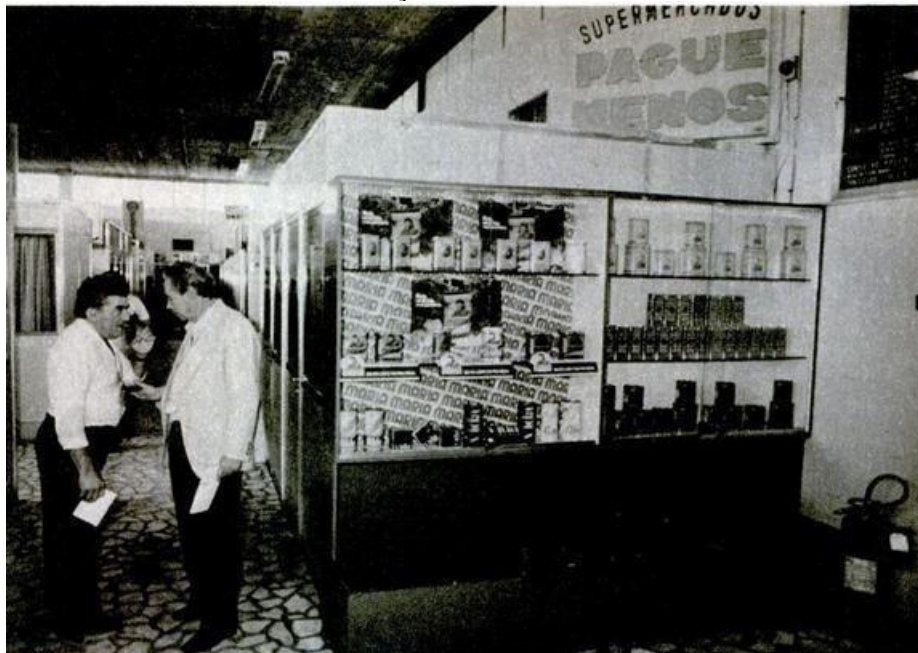
Parece um franciscano. O tom de voz quase nunca é alterado. Da mesma forma os passos lentos e arrastados, como se medisse cada passada. Os ternos são, de preferência, claros e sem vincos. Os cabelos, brancos,

estão sempre cuidadosamente penteados para trás. É um homem sem maiores vícios, sem grandes vaidades, desconfiado e pouco afeito a badalações. Olhando assim nem de longe sugere ter o poder que desfruta há mais de uma década. (O GLOBO, 6 de novembro de 1994, p. 63)

Nascido em Portugal em 1923, na Vila da Feira, distrito de Aveiro, Antônio Soares Calçada desembarcou no Rio de Janeiro em 1935. Assim como muitos outros portugueses que emigraram para o Brasil, associou-se ao Club de Regatas Vasco da Gama. Em 1942, ingressou no quadro social do clube e, ainda jovem, aos trinta anos, tornou-se benemérito; pouco tempo depois, ganhou o título de grande benemérito.

O presidente mais longevo da história do Vasco da Gama, iniciou sua trajetória no clube em 1950 como diretor de tênis de mesa. Demonstrando uma força política impressionante desde o início, foi convidado a assumir o cargo de assessor do ex-presidente Cyro Aranha apenas dois anos depois. Em 1954, chegou à vice-presidência de futebol, ocupando o cargo nas gestões de Arthur Braga Rodrigues Pires, Manuel Joaquim Lopes, João Silva e Alberto Pires Ribeiro, a quem sucedeu na presidência administrativa. Em 1983, foi eleito presidente administrativo do Vasco, permanecendo no cargo até 2001. Habilidoso comerciante do ramo de alimentos, os relatos de história oral sobre Antônio Soares Calçada ressaltam que, como poucos, ele sabia se movimentar no tabuleiro de xadrez da política vascaína. “Conciliador, pacificador, diplomático, franciscano” e até mesmo “manipulador” são algumas das palavras associadas ao estilo de Calçada (O GLOBO, 6 de novembro de 1994, p. 63).

Figura 1 - Foto de Antônio Soares Calçada no Mercado São Sebastião no Rio de Janeiro.



Fonte: Placar, 13 de setembro de 1985, p. 45.

Em 1985, em uma eleição apertada para a presidência do clube, Calçada venceu Eurico por uma diferença de 369 votos. Os números finais registraram 2.961 votos a favor de Calçada, enquanto Eurico obteve 2.592. No ano subsequente, Eurico foi convidado por Calçada a assumir o cargo de vice-presidente de futebol do clube, um dos mais importantes na administração de uma agremiação esportiva. Apontado como o artífice dessa união, a “pacificação” do Vasco uniu as duas mais importantes lideranças do universo daquele clube na década de 1980. Os dois representavam “gerações, filosofias e pensamentos administrativos diferentes” (JORNAL DOS SPORTS, 5 de janeiro de 1986, p. 16), o que não mudou, apesar da composição política.

A união entre Calçada e Eurico foi longeva e vitoriosa. Juntos, enquanto Calçada ocupava a presidência e Eurico o cargo de vice-presidente de futebol, o Vasco da Gama viveu um dos momentos mais vitoriosos de sua história. De 1986 a 2001, o clube conquistou três títulos brasileiros, em 1989, 1997 e 2000; a Libertadores em 1998; e a Copa Mercosul (atualmente, Sul-Americana) em 2000; além dos títulos cariocas conquistados em 1987, 1988, 1992, 1993, 1994 e 1998.

Apesar disso, a convivência entre Calçada e Eurico não foi harmoniosa. Com uma personalidade diametralmente oposta à de Calçada, Eurico era, de fato, “o lobo em pele de lobo” e não hesitava em exhibir seu ímpeto intempestivo. Nesse sentido, as representações sobre a trajetória de Eurico Miranda buscam situá-lo, desde seu nascimento, em uma missão: resistir.

Nascido em solo brasileiro no ano de 1944, Eurico Ângelo de Oliveira Miranda, conforme destaca seu biógrafo Sérgio Frias (2012), recebeu o nome em homenagem ao 16º presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra. Embora o militar só tenha assumido a presidência em 1946, dois anos após o nascimento de Eurico, o importante aqui é compreender a justificativa por trás dessa escolha. Segundo o autor, Dutra teria se destacado na luta contra o nazifascismo. Durante seu governo, alinou-se aos Estados Unidos, mas isso não implica necessariamente que o general fosse um defensor da democracia liberal. Na verdade, ao longo de sua vida, manteve simpatia pela Alemanha nazista (Starling, 2018). Ressalto isso não para contestar a biografia, mas para evidenciar que toda a trajetória de Eurico, na visão de seus defensores, foi moldada por um imaginário de resistência, contestação e superação de adversidades.

A origem familiar do mandatário vascaíno segue essa mesma linha. Como muitos outros personagens relevantes da história do Vasco da Gama, Eurico provém de uma família portuguesa, que teria emigrado para o Brasil em fuga da ditadura salazarista. No entanto, as informações a esse respeito são desconhecidas. De acordo com a biografia de Frias (2012), foi seu avô quem deixou Portugal, o que parece ser a versão mais plausível.

Por outro lado, no perfil elaborado pelo jornalista Roberto Kaz (2008) para a revista *Piauí*, são mencionados seus pais, Álvaro Teixeira Miranda e Alexandra Brandão de Oliveira Miranda, como os responsáveis pela saída de Arouca. Mais uma vez, o que importa destacar aqui é que a trajetória de Eurico Miranda parece sempre alinhada a uma reação, neste caso, uma fuga.

No Rio de Janeiro, Álvaro trabalhava por um “lugar ao sol na nova pátria” (Frias, 2012), conforme relatam as memórias de boa parte dos imigrantes. Inicialmente, a família morou na Zona Norte da cidade, no bairro Brás de Pina. Depois, mudaram-se para a Urca, onde também se instalou a padaria da família. Ainda adolescente, aos 13 anos, Eurico ajudava o pai no estabelecimento. A intenção de Álvaro era que Eurico se tornasse seu sucessor no negócio, por isso “carregava-o sempre a tiracolo em visitas a bancos para que o garoto aprendesse a lidar com dinheiro” (Kaz, 2008, online). Enquanto isso, Eurico e seus irmãos estudaram no colégio jesuíta Santo Inácio. Posteriormente, o dirigente formou-se em Fisioterapia e Direito.

Naturalmente, por conta da origem lusitana, a família era vascaína. Para a *Piauí* (2018, online), o dirigente diz não se lembrar do primeiro jogo que assistiu, pois isso seria coisa de “quem se torna torcedor no meio da vida. Eu sou Vasco desde que nasci”, em suas palavras. No livro escrito por Sérgio Frias (2012), contudo, afirma-se que a primeira partida assistida por Eurico em São Januário foi no dia 10 de dezembro de 1950. Na ocasião, o menino teria se encantado pelo atropelo do Expresso da Vitória diante do Bonsucesso.

E se há algo que define o presidente vascaíno, é a paixão pelo Vasco da Gama. Essa paixão, que se manifestou desde a juventude, o levou a se envolver em diversas confusões no colégio em defesa do clube, culminando em sua expulsão do Santo Inácio. Já naquela época, Eurico Miranda era um “brigão contumaz” (Kaz, 2008, online) e demonstrava um “estilo contestador” (Frias, 2012, p. 135). De acordo com Frias (2012), os embates com os colegas eram constantes, sobretudo porque Eurico era um dos poucos vascaínos da turma. Segundo suas palavras, o Almirante não tinha tantos adeptos na privilegiada Zona Sul carioca, onde a preferência era dividida entre Botafogo, Flamengo e Fluminense.^{iv}

Politicamente, Frias (2012) afirma que o dirigente se inspirava na atuação de Carlos Lacerda, um político carioca que influenciou o jovem Eurico não tanto por suas crenças ideológicas, mas pelo seu estilo de “enfrentamento” (Frias, 2012, p. 138). Mário Miranda (2023) complementa essa perspectiva ao afirmar que “a questão dele era o Vasco”. Entretanto, ao longo de sua vida, Eurico esteve associado a partidos considerados de direita, iniciando sua trajetória política em 1990, quando se filiou ao Partido Liberal (PL). Em 1994, ingressou no Partido Progressista Reformador (PPR) e,

no ano seguinte, ajudou a fundar o Partido Progressista Brasileiro (PPB) em 1995.

Figura 2 - Foto de Eurico Miranda invadindo o gramado de São Januário durante a partida entre Vasco e Ponte Preta em 1999.



Fonte: Placar, outubro de 2022, p. 29.

Por fim, é importante ressaltar o engajamento político de Eurico com o Vasco da Gama, um envolvimento que acabou “virou a própria vida” (MIRANDA, 2023). Ele associou-se ao clube aos vinte anos e, pouco tempo depois, em 1969, ocupou seu primeiro cargo como diretor de cadastros. A partir de 1980, passou a se destacar entre os sócios ao atuar como assessor do presidente Alberto Pires Ribeiro. Nesse período, Fernando Lima (2023) e Paulo Pereira (2023) passaram a apoiá-lo e a vê-lo como um líder, especialmente devido ao “dinamismo” demonstrado pelo jovem dirigente.

Contudo, a imagem do dirigente vascaíno apresentada por seus simpatizantes não é a única que encontrei. Eurico enfrentou resistência tanto dentro quanto fora do Vasco, especialmente na imprensa esportiva^v. Mas o que importa aqui é entender seus apoiadores, aqueles que o levaram a condição de presidente do clube vascaíno. Por isso, na próxima parte, a análise se volta para os estilos de atuação de Calçada e Eurico.

Calçada e Eurico, “falam línguas bem diferentes”

Como ressaltai na introdução, o presidente de uma instituição é a *persona* que a representa além dos seus próprios muros. Dessa forma, a atuação dos indivíduos que ocupam essa posição deve estar alinhada com as expectativas da agremiação à qual pertencem (Moreira, 2010, p. 9). Nesse contexto, Eurico Miranda ascendeu politicamente no clube, consolidando sua imagem como um reflexo da “resistência vascaína”. Sua oposição ao estilo de gestão de Antônio Soares Calçada ilustra essa

estratégia.

Durante os quinze anos em que Antônio Soares Calçada foi presidente administrativo e Eurico Miranda vice-presidente de futebol, ambos coexistiram em cargos de liderança, mas com estilos bastante distintos, que se tornaram evidentes em diversos momentos. Um exemplo disso ocorreu nas decisões sobre renovação e contratação de jogadores. Um caso emblemático foi o de Edmundo, considerado um dos maiores ídolos da torcida vascaína. O “Animal” viveu seu auge em 1997, após retornar ao clube em 1996, e teve papel decisivo na conquista do tricampeonato brasileiro no ano seguinte. Após o título, despertou interesse internacional e foi negociado com a Fiorentina, da Itália. A negociação, que se arrastou por meses, gerou um grande impasse entre Calçada e Eurico, que tinham visões muito diferentes sobre o futuro de Edmundo. Como descreve Fernando Lima (2023), “Eurico não queria vender Edmundo, enquanto Calçada queria vender. Calçada sempre priorizava o aspecto financeiro, enquanto Eurico estava mais focado em manter a hegemonia e continuar ganhando títulos”.

Nesse sentido, frequentemente, de um lado havia “o pensamento do negociador, mais frio” e, do outro, “o do torcedor, mais apaixonado” (JORNAL DOS SPORTS, 24 de agosto de 1991, p. 5). Nesse contexto, é importante lembrar que, a partir da década de 1980, surge um novo tipo de dirigente no futebol, os *the new directors* (PRONI, 1998, p. 178). Esse é o momento de ascensão do paradigma da modernização do futebol. Esse parece ser o caso de Calçada, cuja candidatura à presidência em 1991 deixou claro seu compromisso com a profissionalização do clube. Em uma matéria da revista *Placar*, de 1985, Calçada foi caracterizado como “o maior negociante do futebol brasileiro”. A reportagem destacava sua habilidade como comerciante, ressaltando que “comprar e vender sempre foi o forte desse negociante [...] Antônio Soares Calçada vendeu e comprou jogadores com uma facilidade impressionante”, independentemente de quem fosse (PLACAR, 13 de setembro de 1985, p. 42).

No cargo de assessor de Cyro Aranha, por exemplo, Calçada foi responsável por desmontar um dos mais vitoriosos esquadrões do futebol brasileiro, o Expresso da Vitória. Sem rodeios, declarou: “Tive a missão de desmontar o Expresso da Vitória, a base da Seleção de 1950, que já estava em decadência, entre 1954 e 1955. Dispensei o Barbosa, Chico, Augusto, entre outros” (PLACAR, 13 de setembro de 1985, p. 45). Ao contrário de Eurico, que era movido pela paixão, na maioria das vezes, o estilo de Calçada, conforme descrito na *Placar*, é o de um homem esperto, prático, cirúrgico e racional, que “corta o que acha que não está bem” (PLACAR, 13 de setembro de 1985, p. 45).

Por outro lado, quando Eurico assumiu o cargo de vice-presidente de futebol, sua primeira declaração foi: “craque não se vende” (JORNAL DOS SPORTS, 1 de fevereiro

de 1986, capa). Essa foi exatamente sua primeira missão no cargo, já que, naquele momento, a negociação com Roberto Dinamite estava emperrada. Enquanto Eurico defendia tentar de tudo para manter o artilheiro, oferecendo um “salário altíssimo”, Calçada preferia “manter os pés no chão”. De acordo com *O Globo* (22 de dezembro de 1986, capa), o presidente “não concordava com as declarações do vice-presidente de futebol, Eurico Miranda, de que o centroavante ‘será o único jogador do clube a renovar por bases que extrapolam a realidade do futebol brasileiro’”. Para Calçada era “claro que o salário de Roberto deve estar numa faixa acima dos outros, [mas entendia que] não poderiam pagar a ninguém além da realidade do nosso futebol” (O GLOBO, 22 de dezembro de 1986, capa).

As discordâncias não se restringiam aos jogadores, em 1987, por exemplo, o Vasco não fazia uma boa campanha no início do campeonato nacional. Por conta disso, enquanto Eurico, desejava substituir o técnico, Sebastião Lazaroni, Calçada, “mais comedido” declarava que o treinador merecia mais uma chance. (JORNAL DOS SPORTS, 1 de novembro de 1987, p. 3).

Essas diferenças entre as duas figuras mais fortes do Vasco impactavam o clube como um todo. Em 1988, por exemplo, durante um jogo válido pelo Campeonato Carioca contra o extinto Porto Alegre, cerca de 150 torcedores vascaínos invadiram o campo de São Januário. Esse tumulto dividiu o Vasco, o *Jornal dos Sports*, por exemplo, questionava: “Quem manda no Vasco? O presidente Antônio Soares Calçada ou o vice-presidente de futebol, Eurico Miranda?” (4 de março de 1988, p. 12). De um lado, o presidente “calmo e seguro” admitia o ocorrido e prometia reparações (4 de março de 1988, p. 12). Eurico, por sua vez, de acordo com a matéria, “espalhafatoso como de hábito” (4 de março de 1988, p. 12), negava até mesmo que a invasão tivesse acontecido. Outro episódio que merece ser mencionado é uma das diversas ocasiões em que Eurico deixou de falar com a imprensa. Em 1990, a disputa pelo título estadual do Rio de Janeiro ocorreu dentro e fora de campo. Na final, o Botafogo venceu o Vasco por 1 a 0. Contudo, uma brecha no regulamento impediu que o clube comemorasse o título. As regras confusas permitiram que o Vasco entendesse que o placar não era suficiente para garantir o título, sendo necessário disputar ainda uma prorrogação. Os botafoguenses, com outra interpretação, já estavam festejando o título e se recusaram a continuar a partida. O Vasco, então, entendeu que o Botafogo havia abandonado o campo e decidiu também se proclamar campeão.

A disputa se arrastou para fora de campo e, apenas no dia 9 de agosto de 1990, o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) confirmou o Botafogo como campeão estadual de 1990^{vi}. Nesse intervalo, o *Jornal dos Sports*, antes da decisão da Justiça, já considerava o Botafogo como legítimo campeão. Irritado, Eurico Miranda parou de falar

ao periódico, pois entendia que o jornal havia adotado uma “posição sistemática” contra ele e contra o Vasco (JORNAL DOS SPORTS, 31 de julho de 1990, p. 4). Calçada, mais sereno, resolveu não embarcar no voto de silêncio e fez questão de afirmar que a decisão era individual e não representava o clube (JORNAL DOS SPORTS, 31 de julho de 1990, p. 4).

Explosivo quando se irritava, Eurico prometia até mesmo punir os jogadores do próprio clube. Após uma derrota contra o Flamengo em 1991, por exemplo, ele prometeu que puniria os atletas, embora tenha voltado atrás rapidamente. O presidente Calçada, costumeiramente mais comedido, garantiu: “precisamos ter calma e trabalho para que o time volte a conseguir bons resultados. Assim, a ideia de cobrar bichos^{vii} aos jogadores em caso de derrota está arquivada” (JORNAL DOS SPORTS, 26 de março de 1991, p. 5). Esses episódios ilustram as diferenças de atuação entre Calçada e Eurico. Na maioria das vezes, essas diferenças falavam mais alto e pareciam colocá-los em lados opostos. Essas situações geraram crises ao longo dos quinze anos de atividade conjunta.

Após um ano do acordo, por exemplo, em 1987 já apareciam os primeiros sinais. Incomodado com as especulações sobre a existência de uma luta política dentro do clube entre a presidência e o vice de futebol Antônio Soares Calçada “falou firme no Vasco” (JORNAL DOS SPORTS, 3 de junho de 1987, p. 3). Ele fez questão de chamar para si o monopólio do poder no clube, afirmando: “quem manda no Vasco sou eu” (JORNAL DOS SPORTS, 3 de junho de 1987, p. 3). De acordo com o periódico, havia dois grupos políticos reunidos no Cruzmaltino: um ao lado de Calçada e outro ao de Eurico, o que não é de se duvidar, uma vez que, apenas dois anos antes, em 1985, os dois concorriam pela presidência do clube. Contudo, Calçada fez questão de deixar claro que quem venceu a disputa foi ele: “o único eleito aqui sou eu. Os demais diretores ocupam cargos de confiança dados por mim e suas funções vão até o limite da minha autoridade” (JORNAL DOS SPORTS, 3 de junho de 1987, p. 3).

Em 1989 mais uma vez o *Jornal dos Sports* noticiava que a diretoria do clube estava dividida: “Ninguém se entende na diretoria do Vasco”, dizia a matéria de 15 de novembro de 1989. Preocupados com a má campanha do time na disputa pelo Campeonato Brasileiro daquele ano, o presidente e o vice de futebol não se entendiam. Enquanto Calçada queria mudanças na comissão técnica, Eurico Miranda afirmava que quem mandava no departamento de futebol era ele. Portanto, qualquer mudança só seria feita após passar pelo seu crivo: “enquanto eu estiver no cargo, mando eu”. Ele acrescentou que as reclamações do presidente eram apenas um “desabafo de torcedor” (JORNAL DOS SPORTS, 15 de novembro de 1989, p. 4).

As disputas pelo poder no clube não pararam por aí. Entre 1991, 1992, 1993, 1997, 1999 e 2000, o clube viveu suas principais disputas pelo comando dos rumos de São

Januário. No início da década de 1990, a distância entre Calçada e Eurico aumentava. Especialmente em 1991, ano de campanha eleitoral no clube, o *JS* publicou:

[...] é grande o desencontro de informações entre os dois dirigentes. Cada um dá sua versão para o futuro do clube, faz contratações e toma iniciativas. Embora próximos, vivem em mundos diferentes e parecem não falar a mesma língua, tampouco pertencerem ao mesmo clube (JORNAL DOS SPORTS, 26 de junho de 1991, p. 4).

Ainda de acordo com a matéria, os desencontros eram um reflexo dos arranjos eleitorais que já movimentavam o clube. Apesar disso, conforme a data da eleição se aproximava, Calçada e Eurico se entenderam e ficaram do mesmo lado. No entanto, a composição não foi fácil de ser montada; além das questões envolvendo os dois, surgiram ainda restrições de “alguns conselheiros influentes” (JORNAL DOS SPORTS, 10 de outubro de 1991, p. 4) ao nome de Eurico. Para se ter uma noção da situação, no início do ano, foi lançada uma “pesquisa” junto aos conselheiros do clube para definir se o Vasco era melhor com ou sem Eurico. Feita por telefone, a pesquisa era composta por duas questões: a primeira perguntava se Eurico deveria permanecer no futebol do clube e a segunda, se ele deveria até mesmo continuar no Vasco, em qualquer que fosse a posição. Mesmo assim, a união aconteceu, e a chapa da situação derrotou a oposição, liderada por Luso Soares da Costa, por 1.201 a 612 votos, tendo ainda 26 votos nulos.

Entretanto, bastou o fim do processo eleitoral para que o tensionamento entre a dupla se acirrasse novamente. Os tais “conselheiros influentes” não desistiram de afastar Eurico do futebol do clube. O líder do movimento, o empresário Arthur Antônio Sendas, pressionava Calçada para remover Eurico do cargo de vice-presidente de futebol. Dono de uma das mais importantes redes de supermercados do país, a “Sendas”, o empresário e grande benemérito do clube exercia grande influência no Cruzmaltino. Contudo, demonstrando segurança, Eurico chegou a declarar: “Não vou deixar o futebol e, quem estiver me perseguindo, vai pagar caro” (JORNAL DOS SPORTS, 14 de dezembro de 1991, p. 2). E assim foi: Calçada, irredutível, manteve Eurico Miranda no cargo em 1992. Em 1993, no entanto, mais uma vez Eurico e Calçada pareciam ocupar lugares opostos dentro do Vasco. Dessa vez, quem decidiu fazer uma pesquisa de opinião foi o *JS*, questionando entre os torcedores do clube: qual cartola tem razão? (JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3). Os defensores de Calçada, como Roberto Silva, argumentavam que o presidente era “infinitamente mais lúcido, mais transparente e está em condições de tomar as melhores decisões para o clube”; para ele, Eurico “fala demais, faz muito estardalhaço, mas não realiza qualquer coisa de concreto”. Do lado de Eurico Miranda, contudo, estava a maioria, que apelava à paixão do dirigente pelo clube (JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3). Vale a pena conferir os trechos

que resumem os estilos cristalizados no imaginário acerca da dupla:

Acho que o Eurico Miranda tem razão, uma vez que ele batalha mais pelo clube e é um torcedor mais autêntico. [...] O Eurico é vibrante, lutador e passa confiança e otimismo aos torcedores. [...] Penso que com o Eurico na presidência o Vasco seria um clube mais forte e mais respeitado.

(Valtair da Silva ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3). O ideal para nós vascaínos seria que o Eurico assumisse a presidência no lugar do Calçada. Já há um bom tempo que o Eurico corre atrás, luta pelos interesses do clube [...] Que ele [Calçada] passe logo o cargo de presidente ao Eurico, pois aí saberemos que o Vasco tem um presidente atuante e determinado a fazer do Vasco um clube vencedor. (José Ribeiro Nicolau ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

Se tiver que escolher prefiro o Eurico, pois ele é um dirigente mais vibrante, que corre atrás dos interesses do clube e que sempre está em evidência. [...] O Eurico se identifica totalmente com aquilo que os torcedores esperam de uma pessoa que defenda os interesses de um clube. É vibrante, contestador, barulhento e, em minha opinião, está mais credenciado para ser presidente que o Calçada. (José da Costa Ferreira ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

O Eurico é polêmico, cheio de conversa, não inspira muita confiança, mas é mais útil ao clube que o Seu Calçada. [...] Acho que se o Eurico fosse presidente as coisas seriam melhores e o Vasco seria um clube respeitado e vencedor. Com o Eurico tendo o poder, o Vasco certamente será uma das maiores potências do futebol brasileiro e também do mundo. Ele além de ser do ramo, é malandro (José Geraldo ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

Calçada, por sua vez, foi descrito pelos torcedores da seguinte forma:

O Calçada tem jeito de bonzinho, de boa praça, mas não leva o mínimo jeito de presidente de um clube como o Vasco. (Valtair da Silva ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

Não sei se ele [Eurico] é ou não honesto, mas sei que é mais vascaíno do que o Calçada. Ele vibra, briga pelo clube e se identifica com os torcedores. Já o Calçada é omissivo e frio. (José Ribeiro Nicolau ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

O Calçada me parece uma pessoa muito devagar e muito limitada para ser o presidente de um clube que tem a expressão do Vasco. (José da Costa Ferreira ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

Ele como presidente de um clube como o Vasco é muito devagar e parece ter medo de assumir as coisas. (José Geraldo, ao JORNAL DOS SPORTS, 29 de janeiro de 1993, p. 3).

Numa perspectiva mais ampla, podemos dizer que os trechos acima revelam que os estilos de atuação política de Eurico e Calçada, estão em consonância com dois padrões que circulam na memória política carioca. Me refiro ao lacerdismo e o chaguismo,

correntes políticas que se tornaram referências paradigmáticas na cidade do Rio de Janeiro, a primeira em alusão a Carlos Lacerda e a segunda a Chagas Freitas (Motta, 1999). Nesse sentido, para diferenciar os políticos, a historiadora Marly Motta (1999) utiliza-se de quatro oposições: tribuno x mediador, Política x política, montanha x morro e por fim, carisma x máquina. Enquanto o lacerdismo está do primeiro lado da oposição, o chaguismo representa o segundo.

Posso dizer que essas duas formas de atuação política, que convivem em um equilíbrio por vezes frágil no Rio de Janeiro, parecem ter dado o tom dos anos de Calçada e Eurico no Vasco da Gama. Portanto, as metáforas de Motta (1999) são frutíferas também para o caso aqui estudado. Nesse aspecto, enquanto Eurico teria o poder do domínio, de uma “oratória demolidora” (Mota, 1999, p. 358), Calçada era um mediador, “articulador hábil, de negociador flexível, capaz de conciliar” (Motta, 1999, p. 358). Se Eurico fazia a “Política” com “P” maiúsculo, ele era a “frente” do Vasco da Gama, estava para “fora” do clube, Calçada estava nos bastidores, no “verso”, fazendo a política com “p” minúsculo, dentro do clube. (Motta, 1999, p. 362)

Além disso, se Eurico preferiu conquistar a “montanha”, Calçada limitou-se ao “morro” (Motta, 1999). Explico, enquanto Eurico fez seu nome para além dos muros de São Januário, ocupando cargos na FERJ, na CBF e no Congresso Nacional, Calçada nunca ultrapassou o espaço vascaíno. Por fim, enquanto Eurico apostava na sua força política carismática (Weber, 2004), sendo capaz de formar “euriquistas” e “anti-euriquistas”, Calçada, tinha o poder da “máquina”, isto é, o prestígio dos associados. Por fim, nunca é demais, alertar que esses estilos de atuação não são estanques, eles nos ajudam apenas a referenciar a atuação desses dois personagens da política vascaína. Mais do que isso, eles fazem uma ligação entre o que acontece no mundo da política futebolística e no mundo da política “tradicional”.

Voltando à discussão específica de Calçada e Eurico, as relações entre a dupla ficaram mais calmas entre 1994 e 1996. Em 1997, contudo, mais uma vez, o “fim da era Eurico” (O GLOBO, 24 de maio de 1997, p. 36) foi anunciado na coluna ‘Panorama esportivo’ de *O Globo*. Dessa vez, Eurico que ameaçava deixar o clube, as razões eram muitas: de acordo com os repórteres Paulo Júlio Clement e Rogério Daflon, a família de Eurico não aguentava mais ver o dirigente sendo hostilizado; foram citados também os compromissos da vida de deputado federal; em terceiro lugar, a oposição, reunida pelo empresário Arthur Sendas, estava se fortalecendo contra ele; por fim, a falta de apoio de Calçada na montagem de um grande time naquele ano também seria uma das razões.

Na verdade, como já sabemos, Eurico em 2000 lançou-se candidato à presidência administrativa do clube e venceu (com apoio tímido de Calçada). Em 1999, entretanto, o periódico *O Globo* (20 de fevereiro de 1999, p. 27) anunciava que Eurico não teria força

política suficiente dentro do clube para vencer as eleições

O quadro social do Vasco não elegeria Eurico presidente. O deputado tem ali mesmo, em seus domínios, alto índice de rejeição. Quem elege Eurico é Antônio Soares Calçada, com o apoio incondicional da influente colônia portuguesa. Ou melhor, Calçada se elege presidente por contar, ele sim, com a confiança dos sócios, e depois nomeia Eurico mandachuva. O problema é que nossos queridos irmãos da colônia portuguesa, depois de muito refletir e mediar durante esses 15 anos, ainda não perceberam muito bem que, elegendo quem eles querem (Antônio Soares Calçada), estão elegendo na verdade quem ele não querem (Eurico Miranda). E é daí que, com sua personalidade forte, ou melhor, com sua personalidade que se impõe mediante a força e o grito. Eurico Miranda, propositalmente, fez confundir a sua imagem com a imagem do Vasco, através do costumeiro e já desgastado discurso de que só se identifica com a torcida do Vasco, que representa a torcida do Vasco e que por isso odeia o Flamengo, quer ver a ruína do Flamengo etc. etc. Discurso que convence os torcedores mais crédulos. (O GLOBO, 20 de fevereiro de 1999, p. 27)

O periódico tinha razão, como já destaquei, dentro do próprio clube, Eurico nunca foi unanimidade. Mas isso não foi capaz de barrar sua vitória e a explicação para isso, a meu ver, está contida no trecho acima: “Eurico Miranda, propositalmente, fez confundir a sua imagem com a imagem do Vasco” (O GLOBO, 20 de fevereiro de 1999, p. 27).

Considerações finais

Busquei propor, neste artigo, que o reforço da imagem de Eurico como líder combativo, em contraposição a figura conciliadora de Calçada, facilitou sua ascensão política. Após conquistar a cadeira da presidência no final de 2000 Eurico Miranda não apenas se elegeu novamente em 2003, como também reassumiu o cargo em 2014 e conseguiu emplacar um aliado seu em 2018. O poder do dirigente, que antes era muito mais visível para além dos muros de São Januário, com sua chegada ao poder em 2000, se espalhou para dentro do Vasco da Gama. No novo milênio, a nau vascaína estaria definitivamente sob seu comando.

Mas, ao fim da pesquisa, uma questão permanece: por que Eurico demorou tanto tempo (cerca de quinze anos) para assumir a presidência do Vasco? Mesmo que a narrativa euriquista busque demonstrar que Eurico era o presidente de fato do clube, não se pode descartar a figura de Calçada como uma *persona* que, a seu modo, também era capaz de vocalizar o clubismo vascaíno. Se Eurico realmente era quem mandava no clube, por que levou tanto tempo para assumir oficialmente a presidência? O que Calçada representava que faltava a Eurico?

A priori, penso em duas respostas: a primeira de cunho étnico. Enquanto Antônio Soares Calçada era português, nascido no distrito de Aveiro, Eurico era um português de

segunda geração. Além disso, a discrepância econômica entre os dois era marcante. Calçada era um rico comerciante do ramo alimentício. Eurico, por sua vez, apesar de não ter tido uma vida de muitas restrições, seu pai era dono de uma padaria e, mais tarde, o dirigente se formou em fisioterapia e direito, teve sua carreira fundamentalmente no Vasco da Gama.

É por esta razão que percebo a eleição de Eurico como um marco inovador na história do Vasco, abrindo caminho para que ex-jogadores, como Roberto Dinamite (2008 e 2011) e Pedrinho (2023), assumissem a presidência, algo até então inédito nos clubes brasileiros. Mas isso é assunto para outras pesquisas. As possibilidades estão abertas para quem deseja “farejar carne humana”, parafraseando o célebre Marc Bloch.

Referências

A Locomotiva: a vida de Eurico Miranda. Direção: Milton Alencar Júnior. Brasil, 2009.

A mão do Eurico. Direção: Rafael Pirrho. Produção de Felipe Duarte da Fraga. Brasil: Grupo Globo, 2023

BELLOS, Alex. *Futebol: O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8.º ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

BROMBERGER, Christian. *Futebol, a brincadeira mais séria do mundo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

CAPELO, Rodrigo. *O futebol como ele é: as histórias dos clubes brasileiros, investigadas em seus meandros políticos e econômicos, explicam como e por que se ganha (e se perde)*. Campinas: Editora Grande Área, 2021.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. *Livro oficial do Centenário*. Rio de Janeiro, 1998.

DAMO, Arlei. O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FRIAS, Sérgio. *Eurico Miranda: todos contra ele*. Rio de Janeiro: MPM Neto, 2012.

GODIO, Matias. “*Somos hombres de platea*”: A sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional em Argentina. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade

Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, de 1986 a 1995, além de 1997 e 1999.

KAZ, Roberto. Eurico, #@*!. *Piauí*. Rio de Janeiro, 16 abr. 2008. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/eurico/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LIMA, Fernando Antônio Portela de. Entrevista concedida a Letícia Costa Marcolan. Acervo pessoal da autora, 04 de ago. 2023, 1h28.

MARCOLAN, Letícia Costa. “*O profeta vascaíno*”: A ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

MIRANDA, Mário Ângelo Brandão de Oliveira. Entrevista concedida a Letícia Costa Marcolan Acervo pessoal da autora, 15 de jun. 2023, 2h23.

MOTTA, Marly Silva da. Frente e verso da política carioca: o Lacerdismo e o Chaguismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 351-376, 1999.

MOREIRA, Verónica. *La política futbolizada: los dirigentes deportivos y las redes político-territoriales en Avellaneda*. Tesis para optar por el título de Doctora en Ciencias Sociales. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, 2010.

O Globo, Rio de Janeiro, de 1986 a fevereiro de 2001.

PEREIRA, Paulo Martins. Entrevista concedida a Letícia Costa Marcolan. Placar, São Paulo: Editora Abril, edições de 1970, 1985, 1989, 1997

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

STARLING, Heloísa. *Presidente da Semana - Ep. 13 - Eurico Gaspar Dutra, getulista pero no mucho*. Entrevistada: Heloisa Murgel Starling. Entrevistador: Rodrigo Vizeu. São Paulo: Folha de São Paulo, jul. 2018. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1OsgyfHYEEuUMZNjare8FS>.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Artigo recebido em 31/07/2024.

Aceito para publicação em 11/10/2024.

Editor(a) responsável: Edson Tadeu Pereira

ⁱUma análise introdutória sobre os usos (e abusos) deste documento está em: MARCOLAN, Letícia. “Vasco, a tua glória é tua história.” In: MARCOLAN, Letícia. “**O profeta vascaíno**”: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

ⁱⁱAntônio Soares Calçada assumiu a presidência do clube em 1983; no entanto, nossa análise foca em seu segundo mandato, quando ele convida Eurico para integrar sua gestão como vice-presidente de futebol.

ⁱⁱⁱRealizei cinco entrevistas com pessoas ligadas a Eurico Miranda e que acompanharam a gestão de Antônio

Soares Calçada. A primeira entrevistada foi Lícia Gomes, uma jovem vascaína, sócia proprietária do Vasco da Gama, membro do Grupo Casaca (o principal grupo euriquista do clube), além de professora e doutoranda em Ciências Sociais. Em seguida, entrevistei Sérgio Frias, benemérito do Vasco da Gama e líder do Casaca, formado em Direito e Administração. Sérgio é um defensor do legado de Eurico e autor da biografia *Todos contra ele*. Ele também fez questão de indicar outros nomes relevantes, como Fernando Lima e Paulo Pereira. Fernando é ex-atleta de basquete do Vasco da Gama, grande benemérito do clube e foi vice-presidente de Desportos de Quadra e Salão. Paulo Pereira, igualmente grande benemérito do Vasco, atuou como vice-presidente de futebol durante a primeira gestão de Eurico como presidente. Mário Miranda, filho de Eurico Miranda, também foi incluído nas entrevistas.

^{iv}É importante ressaltar que o autor não menciona de onde essas impressões foram retiradas, muito provavelmente ele fez uma relação entre a localização geográfica da sede do clube com a torcida.

^vVer: MARCOLAN, Letícia. “Vasco da Gama, religião!”. In: MARCOLAN, Letícia. **“O profeta vascaíno”**: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

^{vi}Uma cronologia da polêmica pode ser verificada aqui: OLIVEIRA, Guilherme. Botafogo, Vasco, a final do Carioca de 1990 e o troféu que não deu a volta olímpica. *Ge*, 7 abr. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/campeonato-carioca/noticia/botafogo-vasco-a-final-do-carioca-de-1990-e-o-trofeu-que-nao-deu-a-volta-olimpica.ghtml>.

^{vii}“Bicho” no mundo do futebol refere-se a uma quantia a mais paga aos atletas por uma vitória em alguma partida importante.